

# A CIDADE E A INFÂNCIA

**TÍTULO:** A Cidade e a Infância

**AUTOR:** Luandino Vieira

Capa: Luandino Vieira 60

1.<sup>a</sup> Edição: Casa dos Estudantes do Império.

Colecção de Autores Ultramarinos. Lisboa 1960

Composição e impressão: Editorial Minerva. Lisboa

2.<sup>a</sup> Edição: União das Cidades Capitais de Língua Portuguesa (UCCLA)

A presente edição reproduz integralmente o texto da 1.<sup>a</sup> edição.

Artes Finais da Capa: Judite Cília

Composição e Paginação: Fotocompográfica. Almada.

Impressão: Printer Portuguesa. Mem Martins.

Esta edição destina-se a ser distribuída gratuitamente pelo Jornal SOL, não podendo ser vendida separadamente.

Tiragem: 45 000

Lisboa 2014

Depósito Legal: 378 382/14

Apoios Institucionais:



COLECCÃO AUTORES ULTRAMARINOS

LUANDINO VIEIRA

# A CIDADE E A INFÂNCIA

*contos*

EDIÇÃO DA CASA DOS ESTUDANTES DO IMPÉRIO

LISBOA

## COLECÇÃO AUTORES ULTRAMARINOS

N.º 1 — *Amor*, por M. António

N.º 2 — *A Cidade e a Infância*, por Luandino Vieira

### OUTRAS EDIÇÕES

*Linha do Horizonte* (poemas, 1948), por Aguinaldo Fonseca (esgotado)

*Godido* (contos, 1949), por João B. Dias (esgotado)

*Poetas Angolanos* (1959), por Carlos Eduardo (esgotado)

*Poetas de Moçambique* (1960), por L. Pollanah

*Contistas Angolanos* (1960)

## A Abrir

Desvaneceu-me o teu convite, meu caro Luandino Vieira!

Não se convidam indivíduos como eu para apresentar alguém, muito menos um livro. Foi decerto a amizade que te ditou a atitude e ela mesma me impõe o dever de aceder.

E mais forte se torna essa imposição porquanto o teu livro é uma mensagem de Amor e Fraternidade, traz *«palavras que faziam de todos os portos do mundo, portos de todo o mundo»*.

De «A Cidade e a Infância» dirão os críticos o que melhor não sei dizer, poderão acusar-te de pouca segurança por vezes, falta de maturidade talvez, de vires um pouco atrasado... mas a estreia será (estou certo) auspiciosa!

*«Não foi a Don'Ana que me contou, não senhor, Esta história eu vi mesmo...»* Por isso são tão quentes as tuas palavras. São horas que viveste, palavras que vêm do mais profundo de ti sem que as tenha ditado o sonho. Oferecer-nos o testemunho de uma época não muito distante no tempo, mas grandemente afastada na sucessão das imagens da nossa cidade. Os acontecimentos são mais velozes que o tempo. Não pára o filme da vida.

Assim, não são flagrantes já, esses painéis que expões. Os teus contos são do tempo *«de batiques defronte da loja*

*do Silva Camato», «de quando não havia fronteira de asfalto». A tua «primeira homenagem a um poeta... que nunca chegou a florir».*

Novas imposições quebraram o ritmo e a multiplicidade dos «grandes desafios» de então. Eram outras as canções de roda em noites de luar no morro, como escreveu o Poeta, outras «as brincadeiras do antigamente». Havia mãos pretas e mãos brancas segurando os ramos das mesmas gajadeiras, pés iguais, pisando o mesmo chão das ingombotas. *«As casas de pau-a-pique e zinco foram substituídas por prédios de ferro e cimento, a areia vermelha coberta de asfalto negro e a rua deixou de ser a Rua do Lima».*

Ricardo e Marina estão agora mais distantes, e da casa do Zito à do João Maluco, do mulato Armando ou do Calumango quantos abismos... *«depois de deixarem de ter sonhos de papel de seda».*

Embora sejam amigos (Amigo de atresa nunca deixa de ser Amigo) vivem realidades diferentes que os conduzem talvez ao mesmo fim, mas são tão opostas suas vidas, suas fomes, seus novos conhecidos, seus empregos, seus bairros, seus lares. Iguais por vezes os sonhos. Iguais decerto as recordações...

Mas foi então que nasceram confianças e as mãos se apertaram e os poetas cantaram mais alto, Sambizanga, o mais cantado e outros musseques de Luanda. Quando jurámos *«não mais falar da cor»* de todos os homens...

Eis a tua mensagem de Amor que ninguém destruirá porque não há força capaz.

O teu livro, um pouco de todos nós e da terra imensa, é uma época que as crianças de agora não vivem e muitos

não entendem, mas um dia virá, meu Caro, que fará dos  
«*portos do mundo, portos de todo o mundo*». Um dia vi-  
rá...

*Costa Andrade*



*PARA TI*

*LUANDA*

*Para Vocês*

*COMPANHEIROS DE INFÂNCIA*



## ENCONTRO DE ACASO

— Olá, pá, não pagas nada!?

Um encontro de acaso. Um encontro cruel que me lembrou a meninice descuidada. Ele, eu e os outros. A Grande Floresta e o Clube Canaxixe refúgio de bandidos. Os sardões e os pássaros. As fugas da escola.

Por detrás da Agricultura existia a Grande Floresta. Grande Floresta para nós miúdos de oito anos que fizemos dela o centro do mundo, a sede do nosso grupo de «có-bois». Mafumeiras gigantes, cheias de picos, habitadas por sardões, plim-plaus, picas, celestes, rabos-de-junco.

Um encontro de acaso!

Sempre fui amigo dele. Desde pequeno que era o chefe do bando. As pernas tortas, as feições duras, impusera-se pela força. Da sua pontaria com a físga nasceu o respeito como chefe. Nós gostávamos dele porque tinha imaginação. Inventava as aventuras na água suja que se acumulava na floresta. Foi o inventor das jangadas que nos levariam à conquista do reduto dos Bandidos do Canaxixe.

Ah! O Canaxixe dos bailes ao domingo.

Ele nos mandou despir a todos e meter na água, nadar em direcção ao clube e matar os bandidos. E os nossos corpos escuros, de brancos que brincavam todo o dia nas

areias vermelhas, que jogavam a bola de meia com rede bem feita pelo Rocha, que comiam quiquerra e açúcar preto com jinguba, metiam-se na água vermelha e avançavam para o Canaxixe.

Um encontro de acaso!

Como são dolorosas as recordações! Oh, quem me dera outra vez mergulhar o corpo na água suja e ter a alma limpa como nos tempos em que ele, eu, o Mimi, o Fernando Silva, o João Maluco, o Margaret e tantos outros, éramos os reis da Grande Floresta.

Mas tudo se modificou e só a ferida feita pela memória persiste ainda.

Tratores invejosos a soldo de bandos de inimigos desconhecidos invadiram-nos a floresta e derrubaram as árvores. Fugiram os sardões e as pica-flores. As celestes e os plim-plaus. Planos maquiavélicos de engenheiros bem pagos, libertaram as chuvas. E nunca mais houve ataques ao Canaxixe.

Fomos crescendo.

A vida separou-nos. Cada um com a sua cela nesta imensa prisão. Não éramos mais os cavaleiros da Grande Floresta. Uns continuaram a estudar. Outros trabalham. Ele não continuou a estudar. Mais tarde soube que tinha tentado ir clandestinamente para a América, dentro de um barril, mas que fora descoberto perto de Matadi.

A vida fez dele um farrapo. As companhias que a vida lhe trouxe modificaram-no. O seu espírito de aventura compatibilizou-se com a rufiagem. E quando o via nas ruas, ao sol, as pernas cada vez mais arqueadas, a voz rouca, a pronúncia de negro, dirigindo os pretos na colocação de tubos para a conduta da água ficava a olhar para ele.

Já não me conhecia. Era-lhe estranho. E eu quase chorava ao ver ali o meu chefe da Grande Floresta, que não me cumprimentava, farrapo da vida.

Muitas vezes tentei a aproximação, mas só o olhar de ódio dele me respondia.

Reconhecer-me-ia ele por detrás do meu disfarce feito de fazenda e *nylon*, de uma barba bem escanhoadada, dos meus sapatos engraxados? Não, ele não podia ver que eu era o mesmo menino do bando, que comia com ele jinguba e peixe frito na loja do velho Pitagrós. Ele não podia ver que eu era o sócio dele nas grandes rifas que fazíamos.

Ah! Aquelas rifas... Como eu tenho saudades delas. Nos degraus da casa grande, à entrada para a mercearia com a «Guerra Ilustrada», «Neptuno» e outras revistas de guerra que o consulado nos dava, armávamos as grandes rifas anuais. Aparos velhos. Tinteiros com água e tinta. Sabonetes de cinco tostões. Com a capa e a folha do meio a cores, de uma revista, duas revistas. E sempre o prémio bom com o número bem à vista, mas que nunca estava na rifa.

E os tamarindos melaços e mucefos que a Joana Maluca nos trazia do Bungo?

Ele não podia ver que eu era o mesmo. Mas eu, por detrás daqueles modos bruscos, daquela voz rouca, via o mesmo chefe, sedento de aventuras, que matava rabos-de-junco só com uma figada. O chefe que conseguiu subir a uma mafumeira.

E ontem eu vi-o outra vez. Há tanto tempo que o não via! Mas já não era o mesmo chefe, nem o rapaz das ruas que colocava tubos para a nova conduta de água. Era o produto das fases que atravessara.

No meu deambular pelo musseque, casa da Toninha, Bar América, Colonial, parei diante duma taberna. Escuro

cá fora, escuro lá dentro. Só o brilho dos copos e das garrafas. Um candeeiro meio apagado. Cá fora chegavam até mim os ecos esborrachados dum baião tocado em harmónica de boca. Pelas frinchas ele fugia.

Por mim passaram dois mulatos em discussão. De longe vinha o som dum baile. Baile em terreno batido, à pouca luz dos petromaxes, quase que apostava!

Empurrei a porta e entrei na taberna. Sombras. Ao centro a mesa, as garrafas, os copos. Num canto um par de bêbados dormia. De pé, um negro batia com o pé descalço no chão e marcava o compasso duma música que a sua boca tirava da harmónica. O outro negro magrinho dançava com ele, o chefe da Grande Floresta. O espectáculo tinha tanto de estranho como de belo. Sombras pinceladas pela luz amarela do candeeiro, personagens irreais. Um negro de pé. Só se viam os olhos brilhar e os pés a bater o ritmo duma canção de instrumento barato.

O outro negro, que se torcia e retorcia na febre do ritmo, tocado de leve pela luz, amarfanhado pela sombra da própria cor, dançava com ele, de pernas mais tortas, cabelo a cair para a testa, os olhos raiados de sangue. Fiquei durante momentos na contemplação daquele quadro.

Depois o negro da harmónica parou. Os dois que ressoavam no chão foram sacudidos a pontapé.

Eu estava ali a olhar para tudo. Ele avançou para mim, cambaleando. Os dois negros atrás olharam admirados. Ele chegou-se. Conservei-me quieto. O seu hálito tocava-me. Suportei tudo e inconscientemente sorri. Ele despertava em mim todas as imagens da minha infância. Por isso eu sorria, com um sorriso que o tocou. Olhou bem para mim e bateu-me no ombro.

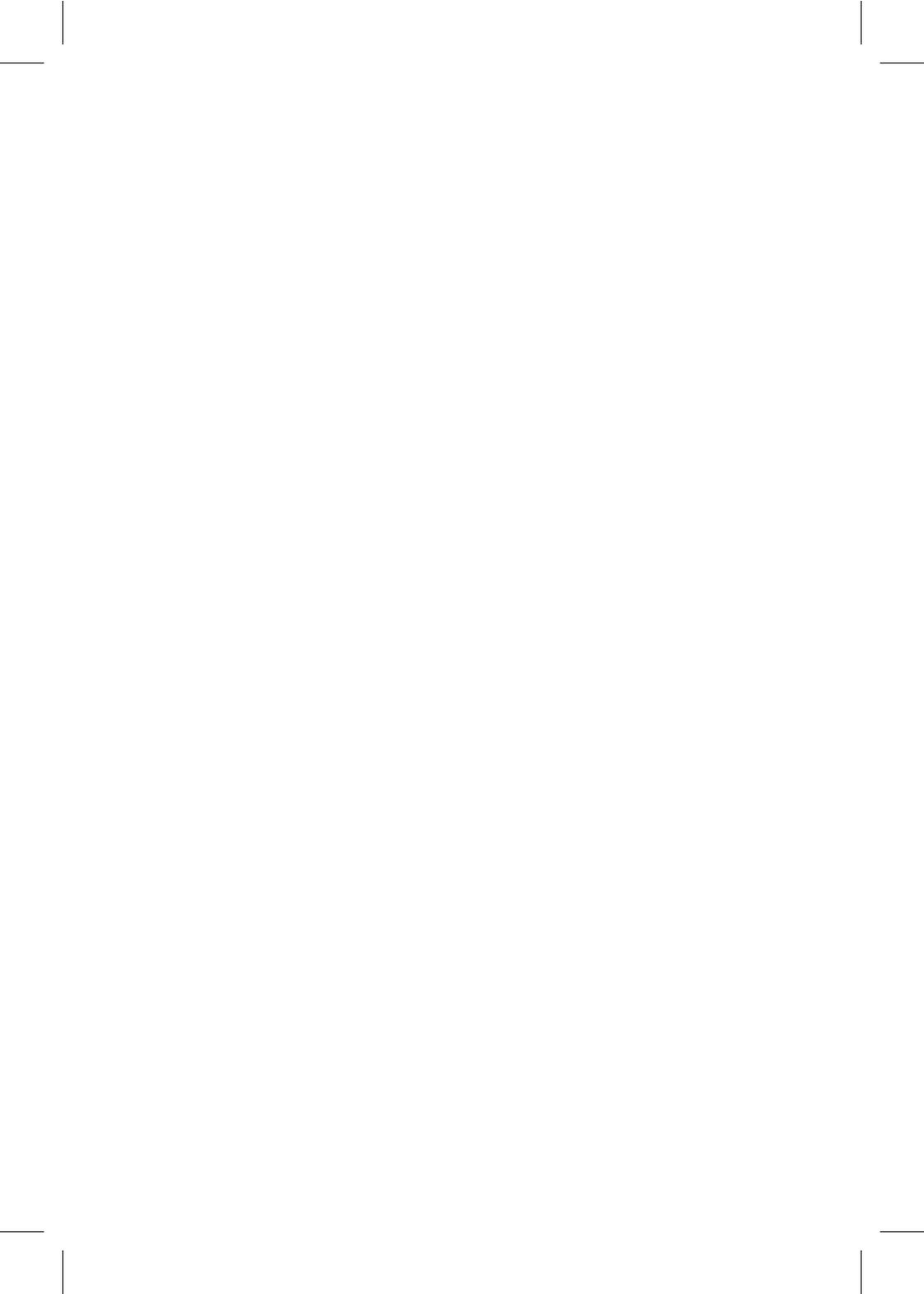
— Olá, pá, não pagas nada?

E eu vi no brilho dos seus olhos mortiços e raiados de sangue que me tinha reconhecido. E na noite quente, eu e ele falámos muito, toldados ambos pelo palhete da taberna. Nunca me soube tão bem vinho palhete!

Um encontro de acaso!

Cá fora, sumindo-se na escuridão, negra como eles, os dois amigos cambaleavam abraçados. E o da harmónica tirava do instrumento uma música que parecia arrote de bêbado através de palhetas, mas que no fundo era a canção de todos nós, meninos brancos e negros que comemos qui-querra e peixe frito, que fizemos fugas e físgas e que em manhãs de chuva deitávamos o corpo sujo na água suja e de alma bem limpa íamos à conquista do reduto dos bandidos do Canaxixe.

13/9/54



## O NASCER DO SOL

«À memória do Carlitos»

Naquele tempo já os meninos iam para a escola, lavados, na manhã lavada, de meias altas de escocês e sacolas de juta.

Era o tempo dos catetes no capim e das fogueiras no cacimbo. Das celestes e viúvas em gaiolas de bordão à porta de casas de pau-a-pique. As buganvílias floriam e havia no céu um azul tão arrogante que não se podia olhar.

Era o tempo da paz e do silêncio entre cubatas à sombra de mulembas.

Pelo caminho de areia, por detrás da fábrica do gelo, passando pelo sapateiro da esquina

*Sapateiro remendeiro*

*Come as tripas do carneiro...*

as crianças seguiam para a escola.

Depois nos recreios havia desafios de futebol e jogo do eixo

*Três*

*Maria Inês*

*Um pulinho pró chinês  
outro pró landês!*

E quando começavam os castigos muitos fugiam e eram apedrejados.

Outros, na terra vermelha batida pelos pés, jogavam a bilha com esferas de aço ou burgaus redondos.

— Último — gritava um.

— Último infinito — dizia outro, satisfeito por ficar atrás. E o mulato Marau rebrilhava os olhos e gritava:

— Último infinito piriquito!

Era o último incontestavelmente.

À noitinha, no regresso a casa, depois das aulas da tarde, brincavam às caçambulas e à revista geral

*Revista geral  
Ninguém me revista até findéle*

O apontado ficava imóvel, esperando que lhe esvaziassem os bolsos de tudo excepto o lenço — como era das regras.

Havia pancada com os batoteiros que fugiam para não entregarem o que tinham nas algibeiras. E os corpos lavados de manhã, vinham escuros da areia amarela e vermelha dos caminhos. As meias altas de escocês abaixadas, enroscadas nas pernas sujas e cheias de arranhões do futebol.

Ora naquele tempo quase todos os do bairro — a Quinta dos Amores — andavam no Liceu. A tardinha reuniam-se no velho cajueiro, centro do mundo para eles, e puxavam fumadas às escondidas. Cigarros baratos. «Chupeta» e «DK 1».

Foi nesse tempo que chegou a menina da bicicleta. Trouxe atrás de si o alvoroço para os garotos. Na saia vermelha e na bicicleta. Nos olhos negros. E todos os dias, quando o sol se escondia por detrás da torre do Liceu e pintava o céu de laranja claro, ela saía a passear. Direita no selim, os cabelos negros ao vento. Os garotos sonhadores, habitantes dum reino até ali sem raparigas, sentavam-se nos montes de areia e pedra das construções e ficavam a olhá-la. Olhavam-na e sorriam-se. Discutiam.

— Ela olhou para mim!

— Para ti? Com esse cabelo?

O Margaret, louro e magro, gritava para o primo:

— Tu tens é raiva! A mim ela grama-me. 'tou convidado para os anos do irmão!

Havia risos e troças. O Margaret irritava-se e jogava à pancada com o primo. Como habitualmente.

Quando a noite caía, o criado do Zito aparecia a gritar:

— Menim Zito, a senhora tá chamar.

O grupo desfazia-se. Da casa do Antoninho, o primo do Margaret, vinha o barulho do pai, zangado pela hora tardia a que chegava. Mas a culpa não era dele, era da menina da bicicleta. Que dantes, quando eles pensavam apenas em físgas e caçadas a sardões e explorações pelas barrocas da Companhia Indígena, a mãe só fazia barulho pelas camisas rotas e sujas de nódoas de cajú. E pelas feridas que eles cobriam de areia para cicatrizarem.

Mas o Sol nasceu várias vezes e as goiabas amadureceram nos quintais. As buganvílias refloriram. Buços mal desenhados apareceram sobre os lábios dos mais velhos. E veio a menina da bicicleta. A vida absolutamente livre até ali, parava agora às quatro horas e eles sentavam-se na areia amarela que camionetas tinham trazido para a obra

em construção e brincavam. Os mais velhos saltavam sobre os mais novos e lutavam até eles se renderem. O que venia era o marido. Os fracos, os vencidos, eram as mulheres. E havia insultos à mistura com areia nas bocas. E gritos de triunfo.

— Já te fiz vinte filhos!

— Eu sou um cavalo negro, tu és uma égua branca!

Pela tarde, a brincadeira prolongava-se até ao cansaço. Depois ficavam de cara voltada para a Lua, sobre a areia agora espalhada misturando-se com o barro vermelho dos caminhos. O guarda da obra vinha depois correr com eles.

Mas alguns ficavam ainda pela noitinha, encostados ao muro da casa do Zito, um muro de blocos nus, vendo a menina pedalar.

Na noite havia sonhos interrompidos pelo doer dos picos das piteiras, espetados por todo o corpo. As mães levantavam-se e carinhosamente tiravam os espinhos amarelos.

E no outro dia, na manhã lavada, lá se iam novamente para a escola e para o liceu.

Não sei quando foi que alguns começaram a aparecer sempre lavados e calçados. Talvez depois que a menina da bicicleta começou a falar-lhes. E a sorrir. Ou também porque o cacimbo se aproximava. Porque antigamente, andavam descalços e sem camisa, pelas barrocas à procura dos cajús vermelhos e amarelos atrás da Companhia Indígena. Na volta, os corpos cheios de nódoas, os bolsos cheios de cajús, trocavam entre si mentiras.

— Eu apanhei o maior. Era assim!

E o Toninho fazia com as mãos um gesto exageradíssimo.

— Eheheheheheh... mentira!

— Mentira mete no saco!

E depois sorria, apanhado em flagrante e emendava ainda exagerado.

— Mas era assim!

Todos sorriam. O Margaret aproveitava o pretexto para outra luta.

Vinham à hora em que os pássaros carranceiros passavam em direcção ao Sul. Muitos tentavam matá-los à fígada ou com flechas de catandú atiradas por arcos de ramos de buganvília.

Mas foi talvez depois que a menina da bicicleta se pendurou nas barbas da mulemba e deixou que a empurrassem, que alguns começaram a aparecer sempre limpos e calçados.

As folhas das goiabeiras caíram. As gajadeiras ficaram nuas. Já pelas ruas andavam quitadeiras vendendo laranjas e limões. O prédio, há meses ainda em alicerces onde se brincava às escondidas, levantava agora contra a Quinta dos Amores de casas antigas de mangueiras e goiabeiras nos quintais, o orgulho do seu primeiro andar.

Os garotos brincavam às escondidas na mesma. Agora, nas noites do luar, sobre os andaimes de tábuas soltas. E os pais gritavam a sua inquietação de dentro dos quintais de hortaliças:

— Vem p'ra casa, Toninho! Se t'apanho...

— Oh Luís, desce daí! Ah, cão! Se te ponho a mão...

Mas eles surdos aos gritos e aos perigos, corriam descalços sobre os andaimes, de tronco nu, pelos barrotes que seguravam as tábuas, trepavam pelas paredes e o jogo das escondidas era um grande filme onde todos tinham um papel de perigo.

Foi já depois da casa ter telhado, mas não estava ainda forrada, que sucedeu ao Zito o que os outros ainda hoje

aproveitam para o irritar. Depois de ter sido dos primeiros a convencer-se que a menina da bicicleta gostava dele, de começar a andar calçado por entre a galhofa dos companheiros, ficava à noite sentado no muro de blocos nus a olhar o portão dela. Mas quando para o primeiro andar da casa em que ela morava, veio instalar-se uma família numerosa, cuja filha mais velha — dezoito anos de olhos azuis prenhes de amor — andava no colégio das madres, Zito passou a olhar as janelas do primeiro andar, sob a noite luarenta e o chiar dos morcegos nas goiabeiras.

Aos domingos de manhã, quando o Toneca e o irmão iam para a missa, o Toninho para o Bungo para casa da prima, ele o mais velho a seguir, sorrateiramente dirigia-se para a casa em construção e subia para o forro do telhado. E ali ficava horas perdidas espreitando pelas frinchas o primeiro andar, esperando pelo olhar da menina de olhos azuis. Sonhava deitado de barriga sobre os barrotes, os olhos fixos nas janelas.

Num domingo, quando o sol convidava para a praia e os meninos iam para a missa, assobiando a sua alegria para dentro dos quintais, Zito foi para a casa, para o refúgio da sombra do telhado, espreitar a menina dos olhos azuis.

Sentia dentro dele um calor estranho, um formigar que o fazia não estar parado, que lhe pedia algo que ele tentava desesperadamente agarrar quando se deitava de costas à sombra do cajueiro.

Já o sol ia alto e os negros dos jornais andavam pelas ruas, quando a descobriu no banho. A janela estava aberta para a manhã. Ela, só, os cabelos despenteados. O chuveiro pingava. Depois jorrou numa chuva de luz a água batida pelo sol.

Firmemente agarrado ao barrote do telhado, os olhos postos na janela, sentia o calor que trazia dentro de si tornar-se mais forte, invadi-lo, sufocá-lo. A cabeça andava às voltas. Já antes tinha sentido o mesmo. Quando pela tardinha, em casa, espreitava a filha da lavadeira que se vestia. E quando, vermelho e atrapalhado, lhe fazia convites.

Mas agora ali havia a água em luz sobre um corpo moreno. Fechou os olhos e o suor caiu da testa em pingos grossos sobre o barrote. Abriu-os novamente e fitou-a maravilhado. A viela caminhava luminosa à flor da pele bronzeada.

Aos olhos espantados do rapaz ela desfolhava-se. O longo traço dos braços morenos e quentes até ali só antevistos por detrás de chitas e sedas. Os seios túmidos como cajús que ele via pela primeira vez. A penugem fina que brilhava, molhada.

O corpo doía da posição. Tudo se começou a turvar no cérebro. A cabeça girava e ele sentia o sangue latejar com força contra as paredes das veias. A mão nervosa soltou-se do barrote. O equilíbrio piorou. Possuiu-a solitário.

E só quando as costas bateram duro contra o andaime do rés-do-chão e se sentiu depois abater cá em baixo, de costas, sobre o monte de burgau, é que deu acordo de si. Levantou-se a correr e fugiu. Fugiu para a sombra do velho cajueiro. Chorou.

Lá em cima o encontraram os companheiros. E a troçar o fizeram confessar. Todos quando ele acabou ficaram calados. Olharam-se. Depois viraram-se lentamente para o primeiro andar amarelo-sujo. Decididamente todos se dirigiram para a obra em construção.

Cedo nesse dia a noite caiu. Os picos das piteiras não os incomodaram. O cansaço e a excitação deram-lhes um sono profundo.

No outro dia o Sol nasceu. E havia nos olhos dos garotos a caminho das escolas, misturado com a antiga expressão ingênua, um brilho malicioso de sexualidade.

*7/7/55*

## A CIDADE E A INFÂNCIA

A cabeça ardia em febre. O corpo doía de sempre deitado. Os olhos brilhantes e o hálito quente. A família à volta. A mãe, cansada, o irmão loiro desgrenhado, sorrindo, o pai. A irmã, choramingando remorsos, repetia como uma louca:

— Vai morrer. Sou eu a culpada... fui eu...

O irmão foi à janela espreitar. Cá fora o Sol era vida nos muros brancos.

O pai olhava o filho doente. Como tinha havido tanta divergência entre eles? Agora a aproximação da morte reunira-os outra vez.

De fora apitou um automóvel. Um apito rouco. Com esse ruído que chegou diluído veio a recordação do Zizica... o Zizica...

1

— Olha o Zizica... olha o Zizica!

O miúdo loiro entrou a correr pela sapataria, derrubou a lata com água da sola, atravessou uma sala e chegou ao

quintal. O irmão estava em cima do telhado comendo bagas de mulemba.

— Zito, Zito, o zizica, o zizica!

Cá fora ouvia-se o ruído dum automóvel, um *Chevrolet* antigo, descapotável, que ao passar fazia

*zizizizizizi*

Zito desceu precipitadamente pela mulemba e correu para a porta. E ficaram os dois a olhar o velho carro que fez a curva e foi parar em frente à loja do Silva Camato. Aquele velho carro a que eles chamavam o zizica.

A rua era de areia vermelha. Poucas casas novas. Apenas o edifício do Lima, loja e padaria. Depois uma casa de pau-a-pique com telhado de zinco onde morava a Talamanca, aquela mulata maluca que fazia as brincadeiras da miudagem com pedradas e asneiras, quando eles lhe saíam à frente puxando pelas saias e gritando

*Talamanca talamancaéééééééé*

E às vezes passava também aquele negro velhinho, o Velho Congo. E os pequenos negros, mulatos e brancos, calções rotos e sujos, corriam-no à pedrada e depois fugiam para casa, gritando

*Velo congo uáricoóóóóóóóó*

Morava também o senhor Abano, velho marinheiro de barcos de cabotagem com a família e a branca Albertina que dava farra todas as noites. O vinho corria e depois na quentura luarenta da noite ficavam amando-se, ressonando

em esteiras estendidas no quintal à sombra de frescas mandioqueiras.

A mãe afastava-os sempre daquelas cenas. Especialmente a irmã Nina, menina curiosa e alegre.

Moravam numa casa de blocos nus com telhado de zinco. Eles, a mãe, o pai e a irmã que já andava na escola. Aos domingos havia o leilão debaixo da mulemba grande ao lado da fábrica de sabão e gasosas.

Hoje muitos edifícios foram construídos. As casas de pau-a-pique e zinco foram substituídas por prédios de ferro e cimento, a areia vermelha coberta pelo asfalto negro e a rua deixou de ser a Rua do Lima. Deram-lhe outro nome.

À noite o pai contava histórias. Histórias de batuques defronte da loja do Silva Camato. Lutas. A «Cidrália» e os «Invejados». Navalhadas na noite. Rixas entre condenados da fortaleza de S. Miguel. João Alemão e Adão Faquista. Muito sangue correu no Maculusso em noites dessas.

Ali cresceram as crianças. Ali o pai arranjou o dinheiro com que anos mais tarde, já eles andavam na escola, comprou a casa no musseque Braga. Casa de zinco com grande quintal de goiabeiras e mamoeiros. Laranjeiras e limoeiros. Muita água. Rodeado de cubatas de negros, capim e piteiras, era assim o musseque Braga onde hoje fica o luminoso e limpo Bairro do Café.

Mas ele lembra sempre aquele tempo de menino. A Rua do Lima, o zizica, a velha Talamanca, a Albertina, o João Alemão, todos os que ele gostava de ver agora, quando o peito dói muito e sente a morte aproximar-se.

Lembra-se do dia em que o pai o ensinou a ler a primeira palavra. Na «Província de Angola» escrita a letras grandes: GUERRA.

Não se sabe bem como o Braz fez aquilo. E mesmo o Carlos. Parte foi por brincadeira. Mais brincadeira do que negócio sério. Lembra-se agora do Braz aquele amigo que...

Naquela luta de papagaios de papel ele levava sempre a melhor. Tinham fama em todo o Maculusso os «roncadores» do Braz. Bem feitos, fortes, rápidos no ataque, sempre com lâminas bem afiadas nas pontas, derrotava todos os lentos «papagaios» de rabo comprido, as grandes «estrelas», os estáveis «balões» ou os pequenos «bacalhaus».

«Roncadores» mais ninguém fazia. Quem se atrevia a competir com ele? Duma vez fez o Martinho, mas ainda não tinha subido vinte metros já estava de fio cortado junto ao nariz volteando louco no ar, com a criançada a correr atrás dele gritando

*Antum! Antum! Antum!*

Ficou depois rasgado, pendendo simbòlicamente do poste telefónico por cima da loja do pai do Deodato. Só havia em todo o Maculusso um Braz e um vencedor: o «roncador». O Gonzaga fazia bonitas «lanternas», de papel de seda de muitas cores, parecidas com aviões, mas só as deitava à noite, com velas acesas dentro, dando um espectáculo que todos ficavam a olhar das portas das casas. E repetiam com admiração e respeito:

— As «lanternas» do senhor Gonzaga!

«Senhor Gonzaga» porque naquela altura já ele andava no liceu, já namorava, estava mesmo a deixar crescer bigode.

Mas não se sabe ainda como o Braz foi envolvido naquele caso. Fazer pequenos roubos em bares, barbearias, deixando bilhetes humorísticos, não se compreende.

Apanhado pela Polícia, julgado, está a cumprir a pena no Forte Roçadas. Mas tudo isto sucedeu muito mais tarde, muito depois de terem deixado de fazer papagaios de papel, de deixarem de ter sonhos de papel de seda.

E hoje, os olhos a arder da febre, ele revive o amigo Braz e os outros e os sonhos de papel de seda que todos tiveram.

Sonhos de papel de seda, levantados contra o céu azul, com a criançada boquiaberta cá em baixo, hoje, quando ele não é mais que um papagaio de papel que se embaraçou, que se rasgou nos grandes ramos da árvore da vida.

*Antum! Antum! Antum!*

3

O vulto esbatido da irmã confundindo-se com a recordação do primeiro amor. Bela a irmã, assim filtrada pela névoa dos olhos ardendo em febre. Não se viam os sinais que a vida deixara nela. A imagem da irmã confundindo-se, vindo para ele, misturada com o primeiro amor...

*Que linda barquinha  
que lá lá vem  
é uma barquinha  
que vem de Belém...*

A menina morena, de tranças castanhas, cantando e dando-lhe as mãos, formando arco com os braços e a criançada passando por baixo.

As brincadeiras em que os dois estavam sempre juntos. Os disparates. Os castigos, a barra do lenço.

A velha mãe dela, olhando-os com um sorriso. O pai, folgazão, gozando com boas lérias a timidez deles. As outras crianças atirando pedras às maçãs da Índia.

No meio da estufa de fetos e avencas, beijos de mulata e buganvílias, os dois olhando-se e tocando-se, corando e nada dizendo.

Do outro lado brincavam agora ao lobo

*Brincando na serra  
enquanto o lobo não vem*

diziam em coro. Depois uma vozita perguntava:

*qu' é qu' o lobo tá fazer?*

Resposta:

*'tá fazer a barba!*

... ..

*qu' é qu' o lobo tá fazer?*

... ..

*'tá sair de casa!*

Os garotos fugiam, escondiam-se e esperavam o lobo. Eles tocavam-se e coravam entre as flores da estufa. Os pais e as mães riam-se e trocavam comentários. O velho folgazão pai dela, abria o garrafão de vinho verde branco e toda a gente bebia à saúde do Futebol Club de Luanda.

E foi um dia, quando brincavam ao giroflé flé flá que ela adoeceu. Adoeceu e definhou. As tranças ficaram muito brilhantes. Os olhos também. Os lábios descoloriram-se. Ficou horas esquecidas junto dela. O médico ia e vinha. A família triste.

Ele não jantava, não almoçava, não dormia. Não mais ia caçar sardões nas barrocas da Companhia com aquele mulato manco, hoje tipógrafo da Imprensa Nacional e os outros meninos, ladrões de goiabas e mamões, desrespeitadores de doceiras e de criados com ternos de comida.

E um dia ela partiu. Morreu linda como sempre fora. Foi bonito o enterro. Lembra-se bem da pele morena e das tranças castanhas cobertas de flores brancas.

Durante muito tempo andou triste, perdeu a pontaria na físga, perdeu a vontade de brincar e ficou olhando sempre, como homenzinho precoce, a criançada negra, mulata e branca, ladrões de goiabas e mamões e doces de doceiras, que brincavam às caçambulas, faziam desafios de bola de meia e que à noite contavam entre si aventuras lidas nos Mosquitos e Diabretes. Deitados na areia amarela das construções modernas crescendo sobre o terreno onde dantes havia casas de pau-a-pique, ficavam assim pelo entardecer dentro, enquanto as meninas brincavam nos quintais ao giroflé flé flá.

#### 4

— Pai, queria ir à matinée. Dê-me quinze angolares...

— Não vês que o teu irmão está doente? E tu queres ir à matinée...

O ruído da conversa chegava-lhe indistintamente aos ouvidos. Matinéés, dinheiro, doente, irmão. Matinéés, filmes, feridas feitas pela memória.

O irmão afastando-se na inocência da idade. O pai olhando, recordando. Quando o filho mais velho lhe pedia dois angolares para ir à matinée. Quando só havia o Nacional.

— Zito, 'tás acordado? Sentes-te melhor?

Vontade de responder. Impossibilidade de o fazer. Apenas os olhos brilhando mais.

— Lembras-te quando me pedias para ir à matinée e eu não deixava? Tu fugias e depois quando chegavas a casa levavas com o cinto?

Um sorriso a bailar lá dentro mas que não chega aos lábios. E a imagem germinando no cérebro cansado.

O primeiro filme: «Aventureiros dos Mares do Sul». Tyrone Power. Ainda hoje gostava do Tyrone. Mau actor, mas lembrava-lhe aqueles tempos. A uma hora da tarde, todos juntos à porta do Nacional, empurrando-se, espremendo-se, metendo-se com as raparigas, gritando:

*«Tá na hora!»*

E faltava ainda hora e meia para se abrirem as portas! Mas o filme era de Tarzan e a impaciência não tem relógio. As meninas sorrindo pediam para lhes reservarem lugares. E havia quem reservasse filas inteiras.

A porta abria-se. O velho Silva tentava aguentar a miudagem. Mas até o polícia desistia. Uma correria louca pelos corredores. Filas inteiras reservadas. Pancada. Discussões.

— Não pode reservar. Comprei bilhete, tenho o direito de me sentar...

— Cheguei primeiro. Viesses primeiro.

Pancadaria. Gritos.

— 'tá ocupado!

Lugares vazios esperando meninas de laçarotes. Assobios. Novos gritos de «tá na hora». Os mais afoitos e sem dinheiro saltavam o muro mesmo junto do cipaio. Dez ao mesmo tempo. Um era posto na rua, os outros esquivavam-se e misturavam-se lá dentro. As portas fechavam-se...

— Lembras-te, Zito, daquelas matinées...

Reconciliação na voz do pai. Sorriso.

Se ele se lembrava!

... As portas fechavam-se. As luzes acendiam-se. Os pés batiam fortemente o chão. Os assobios gritavam de todos os lados até se iluminar o *écran*. Hoje já ninguém assobia nas matinées.

Aqueles assobios faziam-lhes bem. Libertavam a ansiedade.

E quando era um filme da Maria Montez? Que assobios! O John Hal e o Sabú, o artista mais querido. Aquele filme «O Ladrão de Bagdad»! A Celeste ao lado dele, recolhendo-se contra ele nas cenas de espadachim. Pobre Celeste, morreu tão nova!

Os atrevidos procuravam os seios das namoradas. As bofetadas da Cristina já eram conhecidas. Bonita a Cristina! E depois dos documentários de bonecos animados, o intervalo.

A correria para o muro. Os baleizões pedidos em série aos sorveteiros. As doceiras de doce de coco e jinguba

— *Dez mei angolar!*

— *Não compra os dela são d'açúcar preto!*

ficando com o troco e rindo marotas. Os menos endinheirados, aqueles que tinham saltado o muro, corriam para o bar e bebiam água da torneira. Triste torneira agora abandonada e seca, relembrando o passado de bocas jovens, beijando-a, sôfregas.

Hoje os miúdos pedem Pepsi-Colas e Canadás. Mas ele lembra-se, lembra-se bem do sabor daquela água fresca, bebida por todos. daquelas bofetadas quentes, como os seios que despontavam, da Cristina. Da inocência da Celeste chegando-se e apertando-lhe o braço enquanto John Hal beijava Maria Montez e Sabu ria e fazia palhaçadas.

São feridas que lhe doem, feridas de celulóide, que não cicatrizam mais.

Feridas de celulóide! Como doíam! Como doíam também os pulmões, como doíam.

O médico entrando. Cumprimentos. A mãe chorando, chorando...

## 5

Sol.

Muito Sol.

Sol batendo nas janelas. Sol doirando as buganvílias. Sol aquecendo o asfalto negro. Sol dobrando as costas dos carregadores no porto. Sol amorenando a pele das meninas na praia.

— Sol, muito Sol — dizia o médico. Levem-no para a varanda para o sol. Não o deixem estar fechado aqui. É preciso que ele viva intensamente estes momentos. Talvez assim...

Sol desnudando as barrocas da Companhia Indígena... Queimando o capim verde das últimas chuvas. Celestes voando baixo. Bandos de gungos passando. Crianças a correr, armadas de físgas, de arcos de pau de bungavília e flechas de catandú. Paus com visgo de leite de mulemba.

Sol e a história do caixão pequeno. Um caixão pequeno e branco, brilhando no fundo do Vale da Morte. Todos os vales das barrocas tinham nome. No Vale dos Sardões tinham construído a cabana de paus e luandos. Quantos trabalhos para transportar os materiais! Mas depois o orgulho da obra feita. Uma cabana onde descansavam das caçadas aos sardões, discutiam, faziam pic-nics, ali no fundo do Vale dos Sardões, de paredes de barro.

No fundo do vale o pequeno caixão branco junto do esqueleto do cão enforcado no muxixeiro. Eles todos lá em cima, espreitando, miúdos olhando a imagem branca da Morte.

— Vamos abri-lo — dizia o Toninho.

— Quais abri-lo. Tenho medo — e o Margaret afastou-se.

— Eu vou lá abaixo — e o Toneca desceu acompanhado do Toninho e ambos abriram o caixão.

Ossos muito pequenos. Mãos remexendo a morte. Os medrosos lá em cima olhando admirados. Lá na luta com os sardões ninguém tinha medo. Eram os azuis molengões que dormiam nas paredes de areia e que era só espetá-los com as flechas. Os pequeninos que fugiam rápidos. Ou ainda aqueles grandes de cabeça encarnada — di bico incarnado — como dizia o criado do Margaret, que baixavam e levantavam a cabeça, parecendo troçar. Disso eles não tinham medo. Mas o caixão era a Morte.

— Qu'havemos de fazer?

— Contamos tudo aos nossos pais.

— Não. Ninguém conta nada. Este segredo é nosso.

— O melhor é irmos ao «Diário de Luanda». Depois vem a nossa fotografia no jornal.

— Eu não vou nisso. Depois o meu pai vê que eu vim para as barrocas e ele não quer.

— Pronto, mantem-se o segredo — disse o Toneca. Juram?

— Juramos!

À volta das barrocas, cabisbaixos, acabrunhados pela imagem do pequeno caixão branco brilhando no fundo do Vale da Morte onde alguém tinha enforcado um cão num maxixe, passavam pelo guarda da linha do caminho de ferro, aquele bom Miguel que lhes dava água por uma lata servida a azeite.

Aquele negro Miguel que os escondeu quando partiram a cabeça ao servente da Câmara que andava a apanhar capim no Rio Seco. Foi sem querer. O Marau deu-lhe com o martelo na cabeça porque ele estava a apertar o pescoço ao Toninho.

Depois fugiram. O servente ficou a olhá-los, o sangue vermelho corria pela cara. Mas Miguel escondeu-os. E só saíram de casa dele quando o comboio das cinco apitou na curva da Cidade Alta e foram dar espectáculo aos passageiros, trepando com agilidade de gatos pelas paredes de barro que ladeavam a linha.

Foi ali que um dia o Tacílio descobriu ouro. Ou pelo menos assim lhe pareceu. Era ouro que vinha nas águas saponosas da Maternidade. Ainda hoje não ri desse incidente que era fruto da imaginação fértil. Era rir da imaginação que revive todo o passado de barrocas, fugas, sardões, lutas, aventuras, agora deitado numa cadeira de descanso, na varanda batida pelo Sol.

Livres ao Sol, nus da cintura para cima e dos joelhos para baixo, correndo aquele mundo deles que hoje tractores vão alisando e alicerces vão desventrando, para onde desce o bairro do Café, sucessor moderno daquele Braga da infância de todos eles.

Três semanas passadas o médico já não vem.

Viu a Morte diante dele muito tempo. No delírio febril tudo lhe veio à memória. Tudo tinha cor e vida. Agora eram apenas recordações baças, bonecos desarticulados, mexendo-se no vácuo da imaginação.

Fizera-se homem.

A infância aparecia diluída numa cidade de casas de pau-a-pique, zinco e luandos, à sombra de frescas mulembas onde negras lavavam a roupa e à noite se entregavam.

31/3/56



## A FRONTEIRA DE ASFALTO

### 1

A menina das tranças loiras olhou para ele, sorriu e estendeu a mão.

— Combinado?

— Combinado — disse ele.

Riram os dois e continuaram a andar, pisando as flores violeta que caíam das árvores.

— Neve cor de violeta — disse ele.

— Mas tu nunca viste neve...

— Pois não, mas creio que cai assim...

— É branca, muito branca...

— Como tu!

E um sorriso triste aflorou medrosamente aos lábios dele.

— Ricardo! Também há neve cinzenta... cinzenta escura.

— Lembra-te da nossa combinação. Não mais...

— Sim, não mais falar da tua cor. Mas quem falou primeiro foste tu.

Ao chegarem à ponta do passeio ambos fizeram meia volta e vieram pelo mesmo caminho. A menina tinha tranças loiras e laços vermelhos.

— Marina, lembras-te da nossa infância? — e voltou-se súbitamente para ela.

Olhou-a nos olhos. A menina baixou o olhar para a biqueira dos sapatos pretos e disse:

— Quando tu fazias carros com rodas de patins e me empurravas à volta do bairro? Sim, lembro-me...

A pergunta que o perseguia há meses saiu finalmente.

— E tu achas que está tudo como então? Como quando brincávamos à barra do lenço ou às escondidas? Quando eu era o teu amigo Ricardo, um pretinho muito limpo e educado, no dizer de tua mãe? Achas...

E com as próprias palavras ia-se excitando. Os olhos brilhavam e o cérebro ficava vazio porque tudo o que acumulara saía numa torrente de palavras.

— ... que eu posso continuar a ser teu amigo...

— Ricardo!

— Que a minha presença em tua casa... no quintal da tua casa, poucas vezes dentro dela! não estragará os planos da tua família a respeito das tuas relações...

Estava a ser cruel. Os olhos azuis de Marina não lhe diziam nada. Mas estava a ser cruel. O som da própria voz fê-lo ver isso. Calou-se subitamente.

— Desculpa — disse por fim.

Virou os olhos para o seu mundo. Do outro lado da rua asfaltada não havia passeio. Nem árvores de flores violeta. A terra era vermelha. Piteiras. Casas de pau-a-pique à sombra de mulembas. As ruas de areia eram sinuosas. Uma tênue nuvem de poeira que o vento levantava, cobria tudo. A casa dele ficava ao fundo. Via-se do sítio donde estava. Amarela. Duas portas, três janelas. Um cercado de aduelas e arcos de barril.

— Ricardo — disse a menina das tranças loiras — tu disseste tudo isso para quê? Alguma vez te disse que não

era tua amiga? Alguma vez te abandonei? Nem os comentários das minhas colegas, nem os conselhos velados dos professores, nem a família que se tem voltado contra mim...

— Está bem. Desculpa. Mas sabes, isto fica dentro de nós. Tem de sair em qualquer altura.

E lembrava-se do tempo em que não havia perguntas, respostas, explicações. Quando ainda não havia a fronteira de asfalto.

— Bons tempos — encontrou-se a dizer. — A minha mãe era a tua lavadeira. Eu era o filho da lavadeira. Servia de palhaço à menina Nina. A menina Nina dos caracóis loiros. Não era assim que te chamavam? — gritou ele.

Marina fugiu para casa. Ele ficou com os olhos marejados, as mãos ferozmente fechadas e as flores violeta caindo-lhe na carapinha negra. Depois, com passos decididos atravessou a rua, pisando com raiva a areia vermelha e sumiu-se no emaranhado do seu mundo. Para trás ficava a ilusão.

Marina viu-o afastar-se. Amigos desde pequenos. Ele era o filho da lavadeira que distraía a menina Nina. Depois a escola. Ambos na mesma escola, na mesma classe. A grande amizade a nascer.

Fugiu para o quarto. Bateu com a porta. Em volta o aspecto luminoso, sorridente, o ar feliz, o calor suave das paredes cor de rosa. E lá estava sobre a mesa de estudo «... Marina e Ricardo — amigos para sempre». Os pedaços da fotografia voaram e estenderam-se pelo chão. Atirou-se para cima da cama e ficou de costas a olhar o tecto. Era ainda o mesmo candeeiro. Desenhos de Walt Disney. Os desenhos iam-se diluindo nos olhos marejados. E tudo se cobriu de névoa. Ricardo brincava com ela. Ela corria feliz,

o vestido pelos joelhos, e os caracóis loiros brilhavam. Ricardo tinha uns olhos grandes. E subitamente ficou a pensar no mundo para lá da rua asfaltada. E reviu as casas de pau-a-pique onde viviam famílias numerosas. Num quarto como o dela dormiam os quatro irmãos de Ricardo... porquê? Porque é que ela não podia continuar a ser amiga dele, como fora em criança? Porque é que agora era diferente?

— Marina, preciso falar-te.

A mãe entrara e acariciava os cabelos loiros da filha.

— Marina, já não és nenhuma criança para que não compreendas que a tua amizade por esse... teu amigo Ricardo não pode continuar. Isso é muito bonito em criança. Duas crianças. Mas agora... um preto é um preto... As minhas amigas todas falam da minha negligência na tua educação. Que te deixei... Bem sabes que não é por mim!

— Está bem, eu faço o que tu quiseres. Mas agora deixa-me só.

O coração vazio. Ricardo não era mais que uma recordação longínqua. Uma recordação ligada a uns pedaços de fotografia que voavam pelo pavimento.

— Deixas de ir com ele para o liceu, de vires com ele do liceu, de estudares com ele...

— Está bem, mãe.

E virou a cabeça para a janela. Ao longe percebia-se a mancha escura das casas de zinco e das mulembas. Isso trouxe-lhe novamente Ricardo. Virou-se subitamente para a mãe. Os olhos brilhantes, os lábios arrogantemente apertados.

— Está bem, está bem, ouviu? — gritou ela.

Depois, mergulhando a cara na colcha, chorou.

Na noite de luar, Ricardo debaixo da mulemba, recordava. Os giroflés e a barra do lenço. Os carros de patins. E sentiu necessidade imperiosa de falar-lhe. Acostumara-se demasiado a ela. Todos aqueles anos de camaradagem, de estudo em comum.

Deu por si a atravessar a fronteira. Os sapatos de borracha rangiam no asfalto. A lua punha uma cor crua em tudo. Luz na janela. Saltou o pequeno muro. Folhas secas rangeram debaixo dos seus pés. O Toni rosnou na casota. Avançou devagar até à varanda, subiu o rodapé e bateu com cuidado.

— Quem é? — a voz de Marina veio de dentro, íntima e assustada.

— Ricardo!

— Ricardo? Que queres?

— Falar contigo. Quero que me expliques o que se passa.

— Não posso. Estou a estudar. Vai-te embora. Amanhã na paragem do machimbombo. Vou mais cedo...

— Não. Precisa de ser hoje. Preciso de saber tudo já.

De dentro veio a resposta muda de Marina. A luz apagou-se. Ouvia-se chorar no escuro. Ricardo voltou-se lentamente. Passou as mãos nervosas pelo cabelo. E subitamente o facho da lanterna do polícia caqui bateu-lhe na cara.

— Alto aí! O qu' é que estás a fazer?

Ricardo sentiu medo. O medo do negro pelo polícia. Dum salto atingiu o quintal. As folhas secas cederam e ele escorregou. O Toni ladrou.

— Alto aí seu negro. Pára. Pára negro!

Ricardo levantou-se e correu para o muro. O polícia correu também. Ricardo saltou.

— Pára, pára seu negro!

Ricardo não parou. Saltou o muro. Bateu no passeio com violência abafada pelos sapatos de borracha. Mas os pés escorregaram quando fazia o salto para atravessar a rua. Caiu e a cabeça bateu pesadamente de encontro à aresta do passeio.

Luzes acenderam-se em todas as janelas. O Toni ladrava. Na noite ficou o grito loiro da menina de tranças.

Estava um luar azul de aço. A lua cruel mostrava-se bem. De pé, o polícia caqui desnudava com a luz da lanterna o corpo caído. Ricardo, estendido do lado de cá da fronteira, sobre as flores violeta das árvores do passeio.

Ao fundo, cajueiros curvados sobre casas de pau-a-pique, estendem a sombra retorcida na sua direcção.

7/7/55

## BEBIANA

Don'Ana dava baile!

Sábado à noite Don'Ana dava baile lá em casa. Até iam lá dois conjuntos. Um era o «Jazz Rio de Janeiro» e o outro vinha da Ilha do Cabo onde Don'Ana tem amigos velhos.

Don'Ana!

Don'Ana que conhece os segredos das gentes novas e as histórias das gentes velhas. Aos sábados costuma dar festas lá em casa. E toda a gente vai porque tem lá as filhas da Don'Ana Pinheiro. Há baiões e mambos e seios esborrachados. E Don'Ana sentada na sua cadeira no canto vê a gente divertir-se e sorri. Às vezes chama um da gente e conta histórias muito antigas, de Luanda antiga, esta cidade que já morou no Maculusso e no Braga. A Luanda da sua vida de quitandeira.

Don'Ana conta e conta como só ela sabe contar. Simples e verdadeira. Poética. Ela é que me contou aquela história do Joãozinho, filho da sua afilhada que foi em Lisboa estudar e nunca mais voltou, ninguém sabe mesmo dele. Joãozinho escrevia muitas coisas sobre a vida dos negros. Era a esperança dos musseques. Mas até hoje não voltou.

Ela me contou também a história da Zefa da Ilha que matou o Tubarão com a faca, porque ele não lhe fazia um filho, andava a olhar mesmo para as mulatas da cidade, quando ia vender garoupas.

Don'Ana é uma velha já mas a sua memória está nova, lembra tudo. Mas nunca me contou a história dela. Muitas vezes quando todos se divertiam ao som do baile eu me chegava a ela e pedia:

— Don'Ana conta só! Don'Ana eu sei que a senhora tem uma história bonita, conta só para eu saber!

Don'Ana olhava para mim e queria sorrir. Baixava os olhos e dizia:

— O menino não pode ouvir. Senão não vai gostar. Eu sei outras histórias bonitas. Posso contar aquela do Velhinho...

— Don'Ana conta só tua história!

— O menino é branco, gosta das minhas filhas porque são mulatas. Eu sei... mulato é mulato. A gente pode desrespeitar mesmo.

Eu passava o braço à volta do pescoço dela e insistia:

— Don'Ana conta só! Assim eu não venho mais nos bailes.

Ela sorria para mim. Olhava a minha cor branca, queimada pelo sol, depois sorria. Os pares no terreiro divertiam-se.

— Vai, vai dançar este mambo com a Bebianá. Ela 'tá te esperar, depois eu conto.

O mambo dançado sem ritmo. Os meus olhos postos nela. Olhava-me com os olhos cheios de vida e sorria-me. Don'Ana nunca me disse o seu segredo. Depois daquilo inventava outra coisa, dava-me de beber ou de comer e evitava sempre falar na história dela. Não tinha confiança em mim.

Mas um dia, o baile estava fraco, ela chamou-me de lado e fez-me entrar no seu quarto. Dum saco tirou várias recordações. Fotografias dum branco. Um par de brincos de ouro. Valiosos. Pôs-mos na mão e disse:

— Vai, vai na Bebiana e oferece se tu tens coragem. Ela gosta de ti. Se tu tem coragem vai na minha filha mulata e oferece estes brincos. Casa com ela.

Olhei para a velha espantado. A Bebiana, eu já sabia, gostava de mim. E eu dela. Ela apertava-me na dança, ria-me os seus dentes alvos e colava os seios ao meu peito. Queria-me. Mas eu não sabia que fazer. Agora Don'Ana...

Não tive coragem. Voltei atrás e dei-lhe os brincos. Don'Ana olhou-me com pena. Depois pediu:

— Senta aqui meu filho, eu vou-te contar uma coisa. Você é filho da Dona Maria, eu conheço bem. Já morei diante da vossa casa naqueles tempos em que o musseque Braga não era aquele bairro de brancos ricos. Eu não compreendo bem meu filho...

Um dia um branco como tu, comerciante, viu-me quando corria as ruas com a minha quinda na cabeça, vendendo cajús e chamou-me. Chamou-me eu era nova. Tinha um dia assim com muito sol...

Don'Ana está a olhar em frente para Bebiana que me sorria e falava. Alegro-me e sorrio para Bebiana.

— ... fui sua lavadeira, cozinheira e depois deitava-me com ele. Naquele tempo as mulheres brancas não vinham em Angola. Angola era mesmo terra dos condenados como ele, febres, mosquitos. Vinham só os brancos ganhar dinheiro e iam gastar no Puto.

Daí vivi com ele. Me ensinou muitas coisas. Não vendia mais cajús e mangas e o dia era só a lavar, cozinhar e cozer. Ele pôs um filho na minha barriga. Bebiana. Chorou

muito e ficou bêbado quando ela nasceu. Chorou e falou muito de mulatos. Disse que o homem branco não presta, só faz mulatos e depois quando vai no Puto deixa só negra com os filhos, como quando vai no capim fazer as coisas e nem tapa, como fazem os gatos. Era um branco esperto! Ai, menino! Chorei quando esta minha filha nasceu. Gostava dele. Gostava de remendar a roupa dele, de cozinhar para ele. Depois nasceu Joana. Mandou estudar as filhas e quando estava para morrer — a biliosa mesmo! — disse: Ana vou morrer, te deixo esta cubata e algum dinheiro, manda as minhas filhas estudar sempre. Ele dizia as minhas filhas. As filhas eram dele, porque eram bonitas — e eu era uma negra feia. Morreu mesmo sossegado. Quando lhe enterrámos tudo ficou vazio.

Bebiana faz-me sinais para dançar, para não ouvir a velha maluca. Olho-a com um sorriso triste.

—... estudaram até poder. Agora trabalham, tem seu emprego e eu quero que elas casem antes de eu morrer também. Com brancos. Elas tem educação, são bonitas. Precisam adiantar vida. Eu gosto de falar mesmo naquilo que eu penso. Precisam adiantar vida. Um branco ganha mais que um mulato ou negro. Os filhos dele já são cabritos. Cabrito é mesmo branco... Agora vai e pede a Bebiana para casar contigo. Vai fazer a vontade da velha Don'Ana que te gosta como filho.

Fiquei quieto. Dentro de mim debatiam-se forças contraditórias. Preconceitos antigos. Bebiana era bela, daquela beleza que só o povo mulato tem. Era alegre e inteligente. Eu amava-a. Mas não seria só o corpo dela, mistura ardente de duas raças, amanhecendo para o futuro?

Ali, quando o baile, a música, os risos, os ais, falavam só de amor, como poderia eu fazer um julgamento acertado?

Com ela junto a mim, dando-se na dança, enchendo-me o corpo vazio daquele calor seu, os brincos no bolso, a garganta apertada, as palavras não saíam.

Don'Ana sorria e esperava.

Gostaria Bebiana mesmo de mim ou seria eu só mais um degrau na sociedade? Os nossos filhos mesmo com sangue negro, já seriam mais aceites, já não haveria a lembrança da Don'Ana, velha quitandeira que se deu a um branco, que me contava histórias. E se houvesse seria um episódio romântico na família. Uma avó, uma bisavó negra, quitandeira!

Don'Ana sorria e eu não sabia o que fazer. Bebiana juntava-se, pedia-me, dava-se e eu estava vazio, leve.

Don'Ana esperava. Bebiana esperava. E eu sentia-me mal.

O baile cada vez mais animado. Bebia e fazia por esquecer. Mas o problema tinha raízes fundas. Seria chegado o momento de dar uma lição à sociedade?

Bebiana desesperava. Chorava. Don'Ana estava triste. Os brincos pesavam no bolso. O coração pulsava.

Batiam os tamborins e choravam as violas. Havia alegria no terreiro. Sobre a cabeça de Don'Ana refloresciam as buganvílias.

Quando o novo dia amanheceu e o baile abrandou e o vento de cacimbo penetrou suave nos nossos corpos, puz os brincos nas orelhas mulatas. Beijos-de-mulata feneciam sob os pés dos bailarinos, caídos do caramanchão.

Don'Ana sorriu e eu sorri também. Bebiana chorou e escondeu as orelhas vermelhas debaixo do cabelo claro.

Depois veio um, vieram todos. E deram os parabéns. Parou a música e a música continuou no ar.

Parou o baile e o Chico fez um discurso cheio de palavras belas e felizes como o amanhã que nascia connosco.

Só Don'Ana não se levantou nem falou. Ficou na cadeira deixando embranquecer o cabelo e sorrindo.

As palavras belas e rudes do Chico são mistérios para ela.

8/12/56

## MARCELINA

— para Sambizanga  
o mais cantado dos musseques

De dentro da casa a luz iluminava as mandioqueiras do terreiro. À porta discutiam.

Discutiam como só elas sabem discutir. Gritos e asneiras pela rua escura, sobre a areia e perdiam-se no piscar nervoso das luzes de petróleo das cubatas.

Era sábado à noite. Luzes mais fortes indicavam bailes. Sombras mais escuras pediam desordens.

À porta continuavam a discutir.

O João desceu da carrinha e gritou para a gorda:

— Então, querida, não faças barulho. Nós hoje vamos ter uma grande noite.

— Uma grande noite, uma grande noite, quando esta gaja aqui anda a intrigar com o meu homem. Rebento-lhe as fuças.

As outras seguravam as exaltadas e o João meteu-se no meio, fingindo apaziguar mas aproveitando para as apalpar.

— Xé sungadibengo vai apalpar a tua irmã!

E viraram-se a ele.

Descemos também da carrinha. Da casa saiu um cabo do exército. Vinha com ele o som dum baião, da telefonia de dentro.

— Hoje tem farra aí? — perguntei eu.

— Não sabemos ainda — respondeu Marcelina.

A discussão continuava com insultos, gritos, pontapés e nós entrámos. A casa era pequena e baixa.

A porta era estreita e lá dentro estava quente.

Marcelina ia abraçada ao João que lhe dizia baixinho, ao ouvido:

— 'inda hás-de ter um filho meu!

Quando passaram junto da cama — cama da vida, da amargura, do pão — tentou empurrá-la mas ela fugiu-lhe com o corpo.

Atravessei o quarto pequeno. A cama velha e uma mesa a um canto. No outro canto dormia uma criança loira e os caracóis brilhavam na obscuridade que o candieiro de petróleo sobre a mesa não vencía.

Fiquei a olhar o aspecto sujo e pobre de tudo aquilo. Ali onde a criança dormia, a cama da mãe. A cama da sua vida de mãe-prostituta.

Cá fora o apelo do mambo, na telefonia.

Saí também.

O João ensaiava no terreiro vazio uns passos de dança com Marcelina. Os outros meus amigos estavam sentados num banco junto à parede e conversavam com a velha Emília.

— Vamos dançar?

Marcelina veio para mim e os olhos e os dentes e todo o corpo jovem ria. Quebrava-se pela cintura quando falava, e os pequenos pés descalços tocavam o chão em desenhos caprichosos. Eu olhava-a, mulata clara, e estava sempre com ela a imagem da criança loira no quarto miserável.

— É tua filha? — perguntei.

— Quem? A miúda lá dentro?

Olhou para o chão. Depois levantou a cabeça, decidida.

— É! Filha dum branco... Aparece às vezes. Bonita, não é? Sai à mãe. É como eu! Vamos dançar!

Não havia emoção na voz. Nem no gesto. Mas os olhos já não riam e o corpo não quebrava tanto.

As mandioqueiras punham sombras escuras no terreiro e nos olhos. O rádio tocou um *boogie*. Puxei-a, e ela disse depois:

— Assim não sei dançar. Espera um mambo.

E quando tocou um mambo ela dançou sozinha, para mim, para nós, numa manifestação de sensualismo, de pureza, de amor à dança, nos requebros do seu corpo percorrido mas ainda jovem.

Ao lado, onde estava o rádio, um grupo observava-nos e quando ela acabou de dançar apagaram o aparelho e ficaram a rir-se.

Da taberna vinha o som de vozes bêbedas e o bater de mãos numa mesa, uma canção rouca, uma canção qualquer.

Era sábado à noite. De tarde tinha-se recebido a magra quantia do suor duma semana. Domingo ainda haveria dinheiro para continuar. Segunda-feira o mesmo destino de mais uma semana, mais duas, mais, mais semanas de suor e magro vencimento.

O João e os outros abriram a cancela e passaram para a loja. Eu ouvi-os depois acompanhando o grupo ruidoso de bêbedos.

Homens que trabalhavam toda a semana na baixa e que ao sábado gastavam todo o dinheiro nas lojas dos brancos, em vinho e cigarros. Gastando-se numa vida sem perspectivas, sem janelas abertas. Mas era o único divertimento

acessível. Era a única maneira de se desforrarem de uma semana inteira de humilhações.

Os meus amigos batiam o ritmo e cantavam com eles. Ouviam-se as vozes roucas e desafinadas.

— Oh compadre, compadre, paga só meio litro!

— Venha um litro! — disse alguém.

O comerciante branco, pouco amável agora que os via ali, no meio do povo, cantando e bebendo com o povo, veio dizer que podia vir a polícia e fechar o estabelecimento. Vender vinho a pretos era uma coisa, mas com brancos lá dentro podiam multá-lo.

Eu tinha ficado no terreiro abraçado a Marcelina e divertia-me com ela, sentindo-lhe os seios pequenos e a pele macia. A velha Emília resmungava comentários. Queria que a gente ficasse numa farra até de manhã para depois irmos matar o bicho a casa dela.

— Faço mesmo prós meninos, mas não falta como da outra vez...

Eu disse que sim. Sorri para a rapariga sob o meu braço. Os olhos dela estavam velhos. Velhos como não era o corpo. Era jovem e eu sentia-me bem junto dela. Tinha um cheiro feito de coisas vulgares e caseiras.

Lembrei-me outra vez do quarto e volvi os olhos para a porta entreaberta por onde se escapava a claridade do candieiro de petróleo. Olhei para ela e pensei também na vida sem esperança, dela e de outras mulheres, costureirinhas ou empregadas de fábricas que se davam aos brancos para conseguirem melhoria de vida.

Era então o vaguear pelo mundo de chapas e luandos, saltando e rindo, exibindo uma alegria nem sempre sincera à mistura com perfume barato. Vendendo-se, ganhando dinheiro para um qualquer...

— Laurindo deve estar a chegar.

— Quem é o Laurindo?

— Meu miúdo. Vamos casar qualquer dia na igreja do Carmo mesmo. Eu posso deixar isto. O meu pai é um grande lá na baixa.

E disse o nome. Era realmente. Honesto e cumpridor, diziam dele.

Pela porta entreaberta apareceu um pequeno com a menina loira. Segurava-a contra o quadril e dançava com o corpo a música do rádio outra vez aberto, tentando adormecê-la. Era linda a criança. Muito loira. Excessivamente branca. Anémica. Deficiências alimentares. A mãe baixou-se e beijou-a.

O pequeno afastou-se novamente para o quarto e ouvia-se cá fora uma canção de ninar, numa voz infantil.

Da loja o bater recrudescia e as vozes dos meus amigos chegavam cada vez mais altas, acompanhando as vozes roucas e bêbedas do povo divertindo-se.

A velha Emília no seu canto, dormitava.

Eu estava no meio do terreiro e Marcelina chegava-se a mim, chegava o corpo frágil e pedia baixinho:

— Vamos, vamos, antes que chegue Laurindo...

Olhei-a nos olhos com tristeza. Ela afastou o corpo do meu.

— Não tenho culpa. Não fui eu que quis isto. O meu pai é branco, podia ter-me ajudado. Podia ter evitado. É por causa da criança?

Não respondi. Abracei-a e ela deixou-se abraçar. Beijei-a na testa. Disse-lhe depois com os olhos molhados pousados no arame da roupa, pendurado na mulemba, para ela os não ver.

— Lina, vê se casas. Vê se casas na igreja do Carmo. Casa com o homem que te quer ou tu queiras.

Depois afastei-me devagar e fui bater com o povo, aos gritos, a canção rouca, na mesa da taberna. No meu cérebro persistiria sempre a menina loira, aquela mãe e o quarto miserável.

Bati, batuquei na mesa com raiva, com o povo e os meus amigos, roucos do vinho, uma canção de protesto, até despontar a madrugada.

*5/2/57*

## FAUSTINO

Contarei agora a história do Faustino.

Não foi a Don'Ana que me contou, não senhor. Esta história eu vi mesmo, outra parte foi ele mesmo que contou.

Faustino é o seu nome. Faustino António.

O dia inteiro ele tira o boné, abre a porta do elevador, fecha a porta do elevador, tira o boné, abre a porta do elevador.

— Bom dia m'nha senhora!

— Muito obrigado m'nha senhora!

Às vezes descansa. Nem sempre há pessoas para subir ou descer. O prédio só tem três andares. Mas há os miúdos que todos os dias brincam no elevador. E ele é o responsável. Pelo elevador e pelos meninos.

— Não vês que o meu filho pode ter um desastre! Q'ê que estás a fazer aqui? Não é p'ra tomar conta que te pagam? Se lhe sucede alguma coisa vais ver...

O menino deita a língua de fora e Faustino sorri. Ele sorri sempre. GANHOU AQUELE JEITO DE SORRIR.

Apanhou aquele jeito, pois naquele trabalho tem de ser assim.

Um dia agarrou mesmo um menino pelo braço, tirou-o do elevador, ralhou com ele e foi levar na mãe dele. O menino fez queixa e a senhora ameaçou:

— Se tornas a maltratar o meu filho, já sabes. Vou lá abaixo ao escritório do teu patrão e tu vais p'rá rua. Não querem lá ver o negro!

— Negro! — disse o menino, deitando a língua de fora.

Faustino sorriu. Sorri sempre.

Mas quando tem um momento livre senta-se na cadeira da sua pequena mesa e estuda. Geometria. Geografia. Vai lendo o livro de leitura. Os olhos abrem-se com as palavras e o cérebro baralha-se com o que está escrito. «A Casa». A casa tem muitos quartos. O quarto disto. O quarto daquilo. O quarto da costura. O quarto das crianças.

O quarto das crianças! Mas em casa dele os irmãos pequenos — são dois que passam o dia a comer areia nas ruas dos musseques onde brincam — dormem todos juntos com a irmã e a mãe!

E os olhos mostram-lhe casas novas, casas nunca vistas no seu mundo. Nem mesmo nos bairros dos brancos. Faustino estuda para fazer exame da quarta classe.

— Triângulo isósceles é aquele que tem...

— Ouve lá, tu estás aqui para estudar ou para abrir a porta?...

— Desculpa m'nha senhora, estava distraído!

A senhora gorda, perfumada, o filho malcriado deitando a língua de fora.

— Bóbi, Bóbi, xé Bóbi...

Bóbi é como ele chama ao Faustino. Bóbi é o cão da menina sardenta do 3.º andar. Menina sardenta, com os seios pequenos a despontar por debaixo do vestido.

— Bélita, Bélita, vem estudar!

A mãe grita da varanda do apartamento. Bélita dá mais voltas com o Bóbi. O Bóbi precisa de passear, ver as cade-las. Ver só! Que o resto era indecente. Um cão de luxo co-mo Bóbi não faz essas porcarias.

Pobre Bóbi! Uivava toda a noite, quando não estava ninguém em casa.

Faustino ouve a voz da senhora e sorri. Depois nova-mente mergulha no mistério das leituras que lhe trazem mundos nunca imaginados. Cidades felizes. Terras bonitas. Palavras, muitas palavras.

Depois a magia dos números, dos problemas de aritmé-tica. Mas há o trabalho. O encarregado branco já o avisou uma vez. Não virá segunda.

— Então hoje não regas as avencas e a relva? As flores estão quase murchas. Caramba! P'ra que é que te dão du-zentos angolares por mês? Já não tens idade para estudar. Estudar não é para ti. Trabalha, trabalha. Tens de lavar as escadas...

Três andares de escadas esfregadas com piaçaba! Eué, não ia ter tempo hoje de estudar Geometria. A sô pessora ia ralhar outra vez. Ele bem dizia que às vezes não tinha tempo. Mas a senhora tirava os óculos e respondia irritada:

— Quem não tem tempo não estuda!

Contudo ele pagava, pagava como os outros que anda-vam lá no colégio. Mas nenhum ia de farda de caqui e de quedes como ele. Nem eram empregados de elevador.

Aiúé, Faustino, tem de ser. Primeiro as flores. Disso ele gostava. Gostava muito de flores de capim. O que ele estu-dava melhor eram Ciências. Sabia tudo.

Faustino gostava de flores. Gostava de Maria.

Maria que lhe trazia os cigarros que ele fumava. Traba-lhava numa fábrica de tabacos. Mas às vezes não ia traba-lhar de manhã, ficava a falar com ele. Gostava de o ver

com a farda junto do elevador. E era sempre com espanto que via o elevador subir quando carregava no botão.

Faustino gostava de flores. Regava-as com carinho, não deixando cair a água de muito perto, salpicando-as só. Depois colhia uma e dizia em voz baixa:

— Pedúnculo, cálice, corola...

— Que chatice! Já te disse mais de uma vez que o teu trabalho não é estragar as flores. Estás aqui para as regares e não para lhes tocares. As flores são para as senhoras do prédio. Qualquer dia vais para a rua. Pretos há muitos para este emprego. Ora esta, a mexer nas flores! Isso não é para as tuas mãos. Anda lá, anda lá depressa a regar o jardim que ainda tens de lavar as escadas.

Faustino não sorriu. Não gostava que o encarregado dissesse aquilo. Flores são flores, não são de uns nem de outros. São de todos. Nascem da terra se os brancos plantam ou se os pretos plantam. E não nascem mais bonitas por serem plantadas por brancos.

Ficou a olhar o encarregado que se afastava e dentro dele ia crescendo a raiva que o acompanhava há dias. Depois que Maria não trouxera mais cigarros porque fora despedida. O encarregado não deixara trazer mais. Só se ela fosse a casa dele. Para ouvir uns discos de baiões e mambos — como ele disse. Maria era a flor de Faustino e disparatou o encarregado. Foi despedida.

Desde esse dia Faustino não riu mais. Já não sorria ao fechar ou abrir as portas do elevador. E não se interessava se os meninos corriam ou não perigo. Assim naquele momento teve ganas de deitar fora a mangueira, despir a farda e ir-se embora com os seus livros para a sombra do seu quarto ou das suas mandioqueiras do quintal, estudar, estudar muito até ser alguém.

O menino malcriado corria por cima da relva. Chegou-se junto de Faustino, deitou a língua de fora e gritou:

— Bóbi, Bóbi!

Faustino não podia aguentar mais. O encarregado gritava do fundo do quintal para ele acabar de regar o jardim. O menino e outros meninos, todos de língua de fora, formavam roda e gritavam:

— Bóbi! Bóbi! Bóbi!

Lá de cima, do terceiro andar o Bóbi gritou. O jacto de água da mangueira apanhou os meninos e molhou-os da cabeça aos pés. Ficaram encharcados, choramingando. Depois subiram as escadas e foram fazer queixa às mães.

Faustino gostava de flores. E de estudar. E ficava triste quando via a senhora do terceiro andar gritar para a filha, menina sardenta de seios púberes:

— Bérita, vem estudar!

— Não quero, mãe!

Ficava triste porque ele queria estudar. Cortou mais uma flor. Despiu a farda e pegou nos seus livros. O encarregado correu atrás dele.

— Ah negro, se t'apanho! Mas não me escapas. O patrão há-de ir ao Posto e lá depois tratam-te da saúde!

As senhoras em grupo foram queixar-se ao encarregado com os miúdos molhados, pela mão. Miúdos molhados que ainda gritavam para Faustino já distante:

— Bóbi! Bóbi! Bóbi!

Bóbi era o cão de luxo da senhora do terceiro andar. E Faustino nem era ao menos um cão de luxo. Era um negro porteiro que tinha a mania de estudar.

Pelo caminho abriu as Ciências, pensou em Maria, os dois sem emprego e foi desfolhando a última flor colhida:

— Cálice, corola, androceu...

Contei a história do Faustino. Do Faustino que gostava de estudar e de flores, que ria sempre, tirava o boné e curvava as costas:

— Bom dia m'nha senhora! M'to obrigado m'nha senhora

Não foi a Don'Ana que me contou, não senhor. Nem fui eu que inventei. Esta história eu vi mesmo, outra parte ele mesmo me contou.

8/2/57

## QUINZINHO

Aiué, Quinzinho, aiué.

Vais a enterrar, Quinzinho, vais quieto como nunca foste. Despedaçado pela máquina, Quinzinho, pela máquina que tu amavas, que tu tratavas com amor, desenhando as curvas sensuais das rodas, o alongado harmonioso das correias sem-fim.

A máquina, Quinzinho, a máquina que te cantava aos ouvidos a canção do trabalho sempre igual de todas as semanas e que tu sonhavas libertar por réguas, compassos, um poema negro sobre papel branco num estirador.

Aiué, Quinzinho, aiué.

Operário não pode sonhar, Quinzinho, não pode. A vida não é para sonhos. Tudo realidades vivas, cruéis. A luta com a vida.

Mas tu não eras operário, Quinzinho, tu eras um poeta. E os poetas não devem ser amarrados às máquinas.

Agora vais quieto, mais branco, no teu caixão pobre. Os teus amigos vão atrás, tristes, porque tu eras a alegria deles.

A tua mãe já não chora, Quinzinho, não chora porque é forte. Já viu morrer outros filhos. Nenhum morreu como

tu. Despedaçado pela máquina que te escravizava e que tu amavas.

Eu também aqui no meio dos teus amigos. Mas não vou triste. Não. Porque uma morte como a tua constrói liberdades futuras. E haverá outros a quem as máquinas não despedaçarão, pois as máquinas serão escravas deles que as hão-de idealizar, construir.

E os poetas como tu hão-de cantá-las porque elas serão um instrumento de libertação. Cantá-las no pale branco a tinta negra ainda antes delas nascerem.

Por isso não vou triste, não. Não sou talvez o teu único amigo branco, mas os outros não tiveram coragem de te vir acompanhar. E são para ti estas rosas vermelhas que trago. São a paga da tua estima por mim, a tua amizade que eu sentia quando tu e eu nos encontrávamos, à beira-mar, ou quando naqueles dias à noite atravessávamos os dois a baía das águas sem fim. A nossa baía de Luanda.

Por isso aqui levo as rosas vermelhas para ti. São a minha primeira homenagem àquele poema que tu escreveste com a tua vida e a tua morte.

Lembras-te, Quinzinho, naquele dia a gente atravessou a baía e o mar estava mau? E era escuro e os teus olhos habituados iam-me avisando dos perigos. E depois ambos a caminho de casa, tu foste contando o teu amor pelas máquinas, pelos desenhos de máquinas.

Aiué, Quinzinho, aiué.

A tua mãe vai triste. Os panos negros, a face quieta e sem expressão lembrando os filhos todos mortos, agora só. Lembrando a tua alegria. Lembrando quando tu chegaste da escola a chorar. Era na terceira classe e tu já desenhavas automóveis e máquinas, pois nunca gostaste de desenhar coisas pequenas. Isso era bom para nós, desenhar flores e casinhas bonitas.

Chorando porque tinhas sido expulso, porque a professora te pusera fora da escola.

— Não quero ladrões na aula!

E tu arrependido, arrependido chorando. Porque é que o menino branco brincava sempre com o carro de corda e tu não podias? O carro era dele, Quinzinho, e tu um dia escondêste-lo e quiseste levar para casa. Não era para ficar com ele, não. Só para brincar com ele um dia, senti-lo teu por um dia, abri-lo, ver bem a corda e as rodinhas que o faziam andar. Mas o menino branco não compreendeu (pois nem os mais velhos compreendem!) e fez queixa:

— Ladrão de brinquedos!

E chegaste a chorar. E nunca mais voltaste à escola. Tinhas de brincar com os teus carros puxados por fios, feitos de caixas de fósforos vazias, com rodas de tampas de gasosas. Depois foste para a oficina. E aí o grande amor pelas máquinas cresceu.

— Onde está o Quimquim esse rosqueiro, sempre a fugir do trabalho!

E às escondidas do encarregado desenhavas os tornos, as fresas, os maçaricos, o motor gerador e a série de correias que o ligavam às máquinas. E ficavas ali quieto vendo o girar constante daquelas fitas intermináveis. E à noite em casa imaginavas com essas correias máquinas estranhas para trazer a água do chafariz para casa, para a mãe não andar naquele vai-vém de lata à cabeça, máquinas para construir muitas cubatas ao mesmo tempo.

Eras um poeta, Quinzinho, um poeta do trabalho. E o teu amor pelas máquinas, por aquelas correias girando hipnòticamente trouxe-te a morte.

A tua mãe te lembra, voltando do trabalho, cansado no corpo mas os olhos brilhantes e as mãos febris construindo com arames e carros de linha vazios, máquinas fantásticas.

E eu me lembro amigo, dos domingos na praia, com o teu calção limpo segurando o barco, segurando os esquis para as meninas aprenderem. E nos momentos de descanso olhavas para a Teresa com olhos tímidos. Teresa dos dentes brancos, de riso fácil, que passava a vida a fazer pouco de ti.

Mas agora, Quinzinho, estás morto.

Tiveste uma morte terrível. Os braços sensuais da máquina hipnotizaram-te, quiseste ver mais perto como é que ela vivia, como fazia respirar as outras máquinas, como fazia transpirar os homens escravizados por ela.

E a correia apanhou-te. O braço longo e castanho do polvo apanhou-te. E a cabeça abriu-se com um som oco de encontro ao volante do motor. Tu eras fraco não pesavas quase nada. A máquina fez de ti um brinquedo.

Mas os teus olhos demasiado abertos e o sangue vermelho cobrindo-te a cara, perdoavam à sua amante de ferro. Claro que ela não se deteve com a tua morte. Fria e implacável teve apenas uma pausa quando bateste com a cabeça cheia de poemas para ela. Imobilizou-se para te retirarem mas depois seguiu sempre, continuou a cantar a sua canção de trabalho.

Foi a homenagem dela para ti. Quando te levaram em braços ela cantava ainda a canção sempre igual de todas as semanas que tu sonhavas um dia libertar.

E os braços castanhos mancharam-se de vermelho. Vermelho como o destas rosas que te trago, Quinzinho.

A minha primeira homenagem a um poeta do trabalho, que não chegou a florir.

Rosas vermelhas para ti, Quinzinho!

8/2/57

## COMPANHEIROS

Companheiros os quatro.

Nova Lisboa companheira. Negro João, Armindo mulato do corpo gingão, Calumango rato do mato!

Negro João, a camisa de fora, os pés descalços, os olhos ingénuos.

— Diaáááário de Luanda! Diáááá...

Mulato Armindo, na esquina, os olhos malandros, os ditos malandros.

— Graxa menino. Graxa. Pomada Cobra!

Calumango chegou numa noite de chuva e ficou com eles. A caixa de sabão, a escova na mão, o pano batendo sem prática ainda.

— Mais brilho, negro, isso não é graxa!

Nova Lisboa, companheira. Alegre e triste. Aberta de noite ao luar, ao sol de dia. Percorrendo-a com os pés descalços sobre o asfalto, sobre a areia, por entre os eucaliptos à noitinha lá prós lados do S. João. Corriam os dias. Nova Lisboa amante, abraçando-os, esmagando-os e repelindo-os. Possuída de manhã à noite e sempre jovem.

Jovens eram os olhos do negro João. Malandros os de Armindo mulato de Luanda. Calumango, rato do mato, os olhos receosos, espantados.

Negro João filho do capim. No capim gerado, no capim parido. Os pés descalços, os jornais sob o braço, vendendo a leitura pela cidade jovem de Nova Lisboa. A aventura da cidade nos olhos ingênuos. A aventura da cidade bebida nas noites de chuva e trovoada quando Armindo — aquele mulato sabia cada história! — contava pelas noites fora, a música dançando nas palavras, as noitadas dos musseques de Luanda, das praias, do mar. Quando ele contava as histórias do barco de cabotagem. E repetia quase religiosamente as palavras que ouvira do primo, marinheiro que conhecia todos os portos da África e da Europa. Palavras que ele queria explicar bem para João e Calumango, mas não podia. Palavras que faziam de todos os portos do mundo, portos de todo o mundo. Sentia, sentia tudo, mas as palavras não chegavam à boca. Ele via, porém, nos olhos ingênuos do João, nos olhos espantados de Calumango que as palavras que ele sabia estavam também dentro deles.

Triste vida a do mulato Armindo! Mas quando ele contava até parecia bonita. Parecia aquelas histórias do cinema. Sabia contar muito bem. Calumango olhava e bebia as palavras. Os olhos pequenos e receosos de animal do mato dilatavam-se. Cheirava à terra, a terra estava no seu corpo. As anharas extensas. A lavra de milho, da mandioca. A tentação da cidade também o tocara: não resistira ao chamado das bugigangas, dos panos coloridos da loja do sô Pinto. A irmã também não resistira: dormia com o sô Pinto.

Calumango veio para a cidade. A camioneta deixou-o no São João e nessa noite chovia. Por isso abre os olhos espantados para as palavras firmes e verdadeiras do Armindo mulato. E quando ele se cala, Calumango sorri.

Mulato Armindo tira a gaita, começa a tocar. Tenta reproduzir o que sente. O anseio pelo mar mordendo a areia.

A recordação da sua vida de marinheiro — marinheiro de duas semanas. Mas aí aprendera a ser homem. Até ali, musseque fora, noite na ilha, lançado na vida pelo pai-branco que recebera branca no navio e correria a negra — vadiando, trabalhando, a vida passava. Cantando e bebendo. Zaragateando.

É isso que ele toca na gaita de beijos. A sua vida livre de Luanda. O mar, sobretudo o mar.

E negro João e Calumango percebem. Nunca viram o mar, não conhecem aquele cheiro forte que o sal deixa no corpo das mulheres. Não conhecem a voz zangada da calema. Mas sentem o mar na música do Armindo mulato. O mar naqueles dedos que se curvam, se abrem, sobre o instrumento, os lábios esticando-se, recolhendo-se, os olhos húmidos. A melodia na noite. Cá fora a chuva parou, as nuvens correram. A lua vem espreitar.

E Calumango, rato do mato, vê o mar. É assim como nos dias de vento o capim a dançar na anhara. Sente que é assim. Fica de olhos abertos a fitar Armindo.

Ah, bom amigo aquele mulato. É ele que sabe como se arranja mais pomada com menos dinheiro, como fazer mais brilho com menos graxa. É que divide o dinheiro dos três. Ofício dele é mecânico, mas sabe tudo. E diz coisas novas doutras terras — foi o primo que contou! — o primo não mentia. Marinheiro de muito porto, de muitos mares, de muitas gentes, não mente. E que palavras as do primo do Armindo! É pena que ele não saiba dizê-las bem.

Agora calou-se. Calou-se e chora. É difícil vê-lo chorar. Ele canta sempre, está sempre alegre.

Negro João, sentado, soletra a custo o jornal que sobrara.  
— Na A...fri...ca do Sul... a...gi...tação...

Negro João, esse filho do capim, está sempre calado. Chega à noite, de correr a cidade, deita todas as moedas na esteira para dividirem pelos três. Quem o ensinou a ler foi o Armindo. O mulato sabe ler bem. Calumango gostaria de aprender também, mas Armindo diz que ele é matumbo ainda. Ainda tem que passar mais tempo na cidade para ficar esperto.

No seu canto, mulato Armindo já não está triste. Os olhos duros. A face dura. As mãos crispadas sobre a gaita parecem querer rebentá-la. Lembra a mãe — onde andaria agora a mãe? Vendendo-se pelo musseque! — O pai branco, a saída da escola. Tudo por causa da branca que veio no navio. Como ele a odiava. As pancadas, as rixas, as lutas pela vida. Aquela vida de vadio dos musseques de Luanda. A expressão dura vai ficando trocista e os olhos têm um brilho mau.

Calumango medroso, encolhe-se no seu canto. Negro João lê com dificuldade, as letras enovelam-se na boca, ajuda com os dedos esticados sobre o papel

— Guerra na In...do...

Não nota a transformação do amigo. Ele está embevecido, os olhos luminosos querendo desvendar as trevas, os maxilares estendidos naquela ânsia de ler. E assusta-se quando o vê súbitamente de pé, dizendo:

— Vamos rapazes! Hoje vou fazer uma como em Luanda...

João levanta-se. Confia nele. Confia cegamente naquele mulato que o ensinou a ler, que lhe fala de coisas desconhecidas. Calumango, de olhos receosos, encolhe-se mais.

— Você se quer fica, seu matumbo, mas assim nunca mais fica homem.

Saiem. Calumango vem atrás.

Mulato Armindo sabia aquilo de Luanda. Sabia bem como se fazia. Tinha calma. Não tinha medo do polícia nem do cassetete. Em Luanda fazia mesmo às portas dos cinemas.

Mas naquela noite as mãos não trabalhavam bem. A música da gaita estava nos ouvidos, no cérebro, e as mãos tremiam ligeiramente. Ele ouvia o rugir manso do mar na Boavista. Sentia no ar a música que tocara no instrumento.

A chave francesa caiu no passeio e o ruído fez aparecer o polícia. Pancadas de cassetete. A mão de ferro não o largava.

— A roubar a motorizada! Apanhei-te!

Batia. Mulato Armindo estava habituado. Reagiu. Mas o polícia era forte, não o largava. As pancadas amoleciam-no.

E só quando viu os amigos correrem para ele, deixou de se debater.

Negro João e Calumango pararam sem saber que fazer. Foi então que ele falou calmo:

— Não vale a pena. Vocês não têm culpa e não podem fazer nada. Só eu é que levo a porrada.

O polícia olhava-os. Queria agarrá-los também, mas estava só.

Afastou-se, arrastando com ele o mulato Armindo, brigão dos musseques de Luanda.

No passeio, negro João olha o amigo que o ensinou a ler, que lhe ensinou a vida. Calumango calado, o olhar receoso acompanhando o amigo que não tinha medo dos polícias nem do cassetete. Nem gritava quando lhe batiam.

Sentiu qualquer coisa dentro de si partir-se. Os punhos cerraram-se. Não era mais Calumango, rato do mato! Não era mais!

Na outra esquina, a mão livre num adeus camarada, Armino mulato, do corpo gingão, dos ditos malandros, sorria para trás.

Negro João, Calumango, rato do mato, lá ficavam na vida!

Olharam-se ambos. O olhar dizia as mesmas palavras do amigo que ensinava a ler, que ensinava a não ter medo. As palavras que ele não soubera dizer naquela noite, as palavras que ele tinha ouvido, desenhadas nos lábios do primo marinheiro de muitos portos e muitas águas, cresciam dentro deles. Palavras que faziam de todos os portos do mundo, portos de todo o mundo.

A imagem camarada do mulato sorrindo no adeus, crescia, crescia também e inundava-os de esperança.

Abraçados os dois, seguiram na noite clara da cidade jovem.

20/4/57

## O DESPERTAR

Abre a janela do quarto perdido na confusão do bairro e olha. Fora o sol está a nascer. E com ele renasce a vida adormecida. Todos os sons se levantam e as cores se avivam.

Boceja. E o bocejo faz eco no quarto vazio onde a única nota colorida é dada pelas lombadas dos livros, azuis, vermelhas, amarelas... Abandonados, os sapatos de cordões dispersos olham a parede.

Fora realmente o sol está a nascer. Mas no quarto ainda está tudo na semi-obscuridade. Ele olha em torno de si e um leve sorriso levanta-se dos lábios finos e secos. As pálpebras batem sono.

Lá fora está um lindo dia. Os pardais cantam nos braços dos muxixeiros.

Passam negras de quindas à cabeça e panos coloridos. Fica no ar um cheiro a peixe fresco. Do Sul vem o apito do comboio. O comboio das seis que vem buscar os operários.

Com a luz que mansamente vai invadindo tudo, a face dele toma aspecto mais sério e os olhos não têm já aquele brilho que lhe dera o cantar dos pardais. Nem as mãos têm tanta vida, como quando abriu a janela de par em par e deixou entrar o ar da madrugada em lufadas de esperança.

Na noite é ele o senhor. Mas o dia domina-o. Algeme-o. A luz do sol abate-o. À noite é o sonho.

Mais perto da curva o comboio apita outra vez. O apitar de um comboio na madrugada é triste. Tristes são também os homens que sobem para ele na paragem do Quilómetro Cinco. Deixam-se levar para as oficinas, enquanto nos cérebros os sonhos que ainda os acompanham, vindos da noite, se esvaiem devagar. Devagar que é mais doloroso.

Mas ele ali está. A janela aberta, loucamente aberta para os raios de sol e para o cantar dos pardais nos muxixeiros.

Ontem o nascer do dia fora também lindo. E anteontem também. Mas não notara. Só hoje. E hoje porquê? Talvez a liberdade. A solidão. O prazer de se encontrar só, de poder contar só com ele. De começar aquele jogo emocionante da luta do Homem com a Vida. Até ali não vivera.

De pequeno, sonhos de brinquedos a brincarem no coração, pasta a tiracolo, a escola. Depois o Liceu. Momentos de alegria. Mas com o Tempo veio o conhecimento dos factos e dos homens. Perdeu o interesse no estudo porque morreram as suas ilusões. A família nunca lhe vaticinara grande futuro. Não tinha qualidades de trabalho.

Realmente só trabalhava com gosto quando o trabalho lhe dava prazer. E o preço de tudo o que comprava media-se pela satisfação que lhe davam os objectos adquiridos. Por isso gastava mais que ganhava.

Mas tudo isto tinha passado e não contava já! Agora era livre. LIVRE. Soava bem esta palavra. Despertava ecos interiores até ali adormecidos. Depois daqueles meses de prisão soava bem! Soava melhor que antigamente. Agora tinha um sabor a conquista. Levemente tocada de tragédia.

Tragédia? Talvez para os outros. Para ele fora simplesmente natural. Fora aquilo que sentira que era. Lógica e natural. E tomava-o um grande prazer, um prazimento que quase o levava às lágrimas, quando recordava.

Quando recordava como agora, deitado de costas, na cama aberta e desfeita, com um raio de sol a brincar-lhe nos cabelos revoltos.

Quando cá fora no chão vermelho, as quintadeiras deixavam marcados os pés disformes de percorrerem sempre o mesmo caminho. E os negros serventes da Câmara preparavam café aguado em latas servidas a azeite e deixavam que o aroma subisse com o fumo.

Era uma história triste. Ou alegre. Ou simplesmente uma história. No momento podia ter sido algo triste. Mas não irremediavelmente triste, porque havia a alegria da novidade. Quando o pai o não quis mais em casa ele continuou no mesmo emprego. A cabeça estava cheia de bons conceitos.

O choque com o mundo amedrontou-o um pouco. A pouca experiência fê-lo duvidar das suas possibilidades. Mas venceu e instalou-se na Vida. Tinha trabalho.

Habitava um quarto simples com a janela voltada para o sol nascente que todos os dias brincava nas lombadas azuis, amarelas e vermelhas dos seus livros. Uma cama, uma secretária de leilão e uma cadeira. Muitos sonhos. Sentiu o prazer e o amargor da solidão. Sentiu a felicidade da liberdade.

Apareceram então os amigos. Os conhecimentos. Amigos que o despertaram. Que o arrancaram do bairro tranquilo de ruas de barro vermelho e o levaram para a agitação das luzes e da espuma das bebidas.

Começou a perder o respeito e a confiança nos outros. Ele encontrava nos sítios para onde o levavam, pessoas que

sempre julgara modelos. Pessoas de grandes responsabilidades. Chefes de família. Os amigos contavam-lhe histórias de fraudes e negócios escuros de quase todos os que lhe haviam mostrado como exemplos de honestidade. De moralidade. De exemplos a seguir.

E quando a bebida lhe chegava ao cérebro e as prostitutas o excitavam ele ria. Ria muito alto. Os homens respeitáveis na sombra do bar, ficavam a olhar aquele aprendiz da Vida que se ria com os olhos molhados na direcção deles, amargamente pousados neles.

Muito assunto interessante o apaixonou. Aprendeu muito. Mas caíram muitas das suas ideias anteriores. As mais puras.

Num bar à beira-mar, com ondas a desfazerem-se em espuma nas estacas e o luar testemunha de encontros na areia, ele conheceu uma mulher.

Elas viviam todas a mesma Vida. Vidas que gritavam naquele universo de bebidas e venda do corpo. A luz era baça para dar ambiente. E elas eram pintadas, muito pintadas. Algumas escondiam olhos azuis no fundo de olheiras negras. Mas aceitavam tudo com naturalidade. Era tudo lógico. Tudo era apenas para ganharem o pão.

Nas mesas homens de idade avançada desfaziam-se em sorrisos e ficavam por momentos mergulhados na ilusão do rejuvenescimento. Porque elas eram pródigas em carinhos. Eles tinham dinheiro. E quando alguém descobria a verdade ou se lembrava da verdade, havia nos seus sorrisos rictus de tristeza que abafavam mergulhando-os nos copos espumantes.

Foi ali que encontrou a mulher que o desejou. Ele queria dela o desejo desinteressado. Queria que o luar e o mar

fossem as únicas testemunhas dos seus encontros. Ela gostava dele. Mas precisava de dinheiro para viver. O emprego dela era aquele. Os outros estavam vedados para ela. Custava-lhe aceitá-la como era. Sonhara sempre a mulher muito diferente. Nunca lançada ferozmente na conquista do pão. E de uma maneira trágica.

Queria a posse desinteressada, beijada pela espuma do mar, na areia amarela.

E tudo acabou quando ela lhe confessou que estava grávida dum outro homem. A solução era só uma. Não podia ficar sem trabalhar alguns meses para depois ter a despesa dum filho. E foi tão simples, tão natural, tão sem culpa na sua confissão, que ele fugiu e nunca mais voltou ao bar da beira-mar.

Quando ele devia a quase toda a gente, quando os amigos fugiam dele com medo dos empréstimos, fez aquilo que sentia natural. Roubou donde havia.

Depois a prisão e o julgamento. Mas nada do que sucedeu lhe absorveu o pensamento. Era como se tudo se passasse fora dele. E foi com lógica e naturalidade que respondeu no julgamento. Feriu muitas pessoas com as respostas. Respondeu o que sentia. Foi condenado e os jornais falaram do caso e da impassibilidade do réu. Naturalidade do ladrão nato, perigoso para a sociedade.

A prisão foi para ele de grande utilidade. Nos longos momentos de solidão reviu o que passara e pensou muito. Acusou-se do que tinha culpas. Era a menor parte. E tirou de tudo a grande lição.

Foi nessas noites de intensa vigília que readquiriu a confiança em si. E viu que o caminho não estava irremediavelmente escuro. Só era preciso acender a luz. E a luz

veio com a madrugada e os pardais cantando nos muxixeiros. E com as quitandeiras que deixavam no ar um cheiro a peixe fresco.

Toda a lição da Vida fora bem estudada. Agora sairia de sorriso nos lábios com o sol a brincar nos seus cabelos e procuraria emprego. Um emprego manual. Seguiria com a vida. Devia vivê-la.

Seguiria e com as mãos pequenas agora calosas das grades da prisão, trabalharia. Tinha a Vida à sua frente. Tinha mãos para a possuir!

E continuaria a sorrir para o sol a entrar pela janela. Pela janela voltada para os muxixeiros enquanto lá em baixo, na rua de barro vermelho, o aroma do café aguado dos negros da Câmara, subia com o fumo...

19/4/55

## ÍNDICE

ENCONTRO DE ACASO .....	11
O NASCER DO SOL .....	17
A CIDADE E A INFÂNCIA .....	25
A FRONTEIRA DE ASFALTO .....	39
BEBIANA .....	45
MARCELINA .....	51
FAUSTINO .....	57
QUINZINHO .....	63
COMPANHEIROS .....	67
O DESPERTAR .....	73

